

## ENTUSIASMOS QUE CEDO ESFRIAM

Estamos habituados às entradas de leão e às saídas de sendeiro dos portugueses vítimas deste clima que, por ser delicioso, amolece as energias e excita os cérebros para a concepção dos mais sedutores projectos que raro encontram pronta realização.

Quando escutamos a retórica embalaradora dos entusiasmos, sentimos sempre no nosso íntimo uma pontinha de sceptismo que nem sempre exteriorizamos para que não nos apodemos de apologistas da inércia.

Ainda não se apagaram da nossa memória as palavras entusiásticas e eloquentes com que ao povo se prometiam reformas maravilhosas na estrutura da cidade. Sensíveis à beleza, ao conforto, ao progresso, aplaudimos os projectos e incitamos os únicos que poderiam realizá-los a pô-los, quanto antes, em prática.

Se bem que nos agradasse imenso, sob o ponto de vista estético, ver a cidade melhorada, o nosso principal fim, quando aplaudimos essa anunciada época de trabalho, era incitar os poderes públicos a contribuir, por uma forma duplamente útil, para o atenuamento da crise de trabalho e melhoramento das condições de vida da população.

Mas a eloquência estancou de repente. Os jornais voltaram-se para outros assuntos. O operariado continua sem trabalho—à espera dos projectos. E das grandes obras a realizar—apenas registamos, por enquanto, a demolição do mercado de 24 de Julho.

O prolongamento da avenida Almirante Reis com o seu «terminus» no Rossio, a construção da avenida da Índia, o embelezamento do parque Eduardo VII, a desobstrução da praça dos Restauradores, assuntos tão discutidos há poucos dias,

caíram no silêncio, como num poço. Mas valia talvez, se não houvesse ânimo para lançar mãos à obra, não falar tanto em projectos. Entretanto, a nossa esperança ainda não desapareceu por completo. O Município está ligado por compromissos públicos às suas afirmações. Se não os cumprir—que ficará pensando a seu respeito uma população inteira?

A Batalha—órgão do operariado—é o jornal mais popular de Lisboa. É o que defende com mais carinho e tenacidade o bem-estar colectivo. Compete-lhe por isso estar alerta e, no interesse, quer do operariado sem trabalho, quer no da população de Lisboa, não largar estes assuntos de mão, senão quando de todo se convencer de que a sua acção é estéril.

Além dessas obras a que fizemos referência, outro problema há que de dia para dia requiere pronta solução: é o dos pavimentos. O trânsito de veículos intensificou-se de tal maneira nestes últimos tempos que, se em breve não se dotar a cidade de pavimentos sólidos, modernos e decentes, em breve as ruas se transformarão em vias intransitáveis. A comissão administrativa da Câmara prometeu remodelá-los todos. Porque não se começam com intensidade esses trabalhos que são dos mais urgentes?

A melhor resposta que o Município nos poderia dar seria realizá-los, com o que se regosijaria uma população inteira.

Há também um projecto—o da construção de mil casas—que, realizado, muito contribuiria para a resolução do problema da habitação. Edificam-se ou não essas casas?

Obras, obras é que todos nós desejamos ver—e quanto antes.

## O êxodo

Críticas afirmações de um jornal de Buenos Aires sobre a emigração

A fuga desordenada para o estrangeiro não cessa. Todas as semanas do Tejo levam ferro alguns barcos conduzindo centenas de emigrantes que vão na esperança de lá fora encontrarem a felicidade que aqui lhes é negada.

Mas, como mais de uma vez salientámos, nessas longínquas paragens para onde se dirigem esses desgraçados a situação não é melhor, a falta de trabalho é grande, a fome é igual à de Portugal.

E a provar as nossas afirmações vem agora o *Jornal Portugal*, que se publica em Buenos Aires, pela pena do seu director, sr. Paulo Madeira, declarar o seguinte:

«É tempo de tanto os governos dos países de emigração como os dos países de emigração considerarem na grave responsabilidade que lhes corresponde, aqueles por deixarem sair inteiramente ao Deus dará os braços validos das suas terras para um destino de ociosidade, forçosa, e, portanto, de miséria, e a estes por deixarem entrar sem preocupar-se para nada do destino que lhes está reservado.

«Os braços que aqui há sobram para as necessidades imediatas, sendo por isso um erro censurável permitir que continuem a grande corrente emigratória, que serve apenas para desprestigiar destes países e para enriquecer as empresas de navegação transatlântica, porque sucede que logo depois da chegada, uma boa parte dos emigrantes—os que trazem dinheiro que lhe alcance para a passagem—regressam desiludidos às suas terras, levando de cá a mais desoladora das impressões.

«Muitos, a maioria, ficam, uns porque não têm dinheiro suficiente para o regresso, outros porque algum parente ou amigo lhes dá abrigo e são estes os que por aí vemos deambularem pelas ruas da cá duma ocupação cada vez mais rara...»

Ocupando-se particularmente dos emigrantes portugueses, visto que para a América vão também espanhóis e italianos, o sr. Paulo Madeira tem a seguinte afirmação:

«É para a nossa África, principalmente para as províncias de Angola e Moçambique, que são cobizadas pelos estrangeiros, que nós queremos que se voltem os olhos de todos os portugueses, dirigentes e dirigidos, quando considerem a necessidade de colocar os sobrantes da nossa população trabalhadora, porque assim faremos pátria fomentando o perigo de coíba estranha e salvaremos os nossos emigrantes da perigosa ratoeira que está sendo a América.

«Todos lá têm lugar. «Para lá podem e devem ir todos, cumprindo aos nossos dirigentes orientar e proteger a nossa emigração nesse sentido.»

E resume, por fim:

«É necessário e urgente impedir a nossa emigração às Américas, porque o emigrante aqui não tem nada que fazer, se não traz dinheiro para adquirir terras e cultivá-las de conta própria.

«Assim, pois, será para as autoridades portuguesas um dever de humanidade orientar para a África a nossa emigração, protegendo-a e auxiliando-a devidamente.»

Será necessário maior demonstração para provar que lá fora a situação não é melhor do que aqui? Crêmos que não!

## Notas & Comentários

As tabelas

Em Campolide, segundo os protestos de alguns moradores, os comerciantes possuem a psicologia de bandidos da Calábria. O azeite, que pela tabela deveria ser vendido a 7500 o litro, só se consegue a 11500. Em algumas casas, por condescendência, vende-se em pequenas fracções de dois decilitros e meio ao preço da tabela. Nas outras o preço é de 11500, para quem quer, já se vê.

Por esta pequena amostra se prova que as tabelas não se fizeram para serem respeitadas pelos comerciantes, mas antes para ludibriarem o público. Ou a lógica dos mercadores não fosse um chavelho retorcido.

A surpresa de Shaw

O prémio Nobel de literatura, do ano de 1920, foi pela Academia sueca conferido ao desassombrado escritor socialista Bernard Shaw, que, diante do facto, teve o seguinte comentário:

«A decisão torna-se para mim um grande mistério. Sem dúvida, o prémio foi-me atribuído, justamente, por nada haver escrito durante este ano.

Os fósforos

A Sociedade Nacional de Fósforos foi autorizada a vigiar o público com umas caixinhas de quarenta fósforinhos de cera, pelas quais exige a «módica» quantia de 40 centavos. Não é caro. Um anel de brilhantes atinge preços muito mais elevados...

Bons rendimentos

O Tribunal dos Pequenos Delitos rendeu durante um mês mais de vinte contos. E não foi mais além porque muitos dos condenados, à falta de dinheiro para a multa, pagaram com os costados na cadeia. Segundo consta muitos negociantes de viveres a retalho, que estão ganhando um dinheiro com o aumento do preço dos géneros, vão pedir autorização para montar tribunais desse... género por todo o país.

Uma «grande penalidade»

Segundo os jornais de ontem um guarda civil—o 2144—António Rodrigues Indício, da esquadra dos Anjos, que tem o culto do futebol, misturou-se anteontem com uns rapazes na quinta da Assunção, à estrada de Sacavém, e jogou como um «az». A certa altura do jogo, parece que no half-time, zangou-se e rapou da pistola—e foi tiro a torto e a direito. O polícia, distinto «sportman» foi parar ao governo civil, onde—segundo dizem—lhe querem aplicar uma «grande penalidade».

A água do Andaluz

Reúnia a comissão de defesa e melhoramentos da água do Andaluz resolvendo pedir à Câmara Municipal a conclusão da galeria subterrânea que deve dar ingresso ao poço da nascente, de modo que seja aproveitada toda a água e possa, em qualquer ocasião, o município mandar fazer as reparações necessárias na canalização.

Tomou conhecimento dum pedido do pessoal que ali tem trabalhado.

A comissão previne o público que das 8 às 18 horas não se deve utilizar desta água enquanto ali durarem as obras que se estão fazendo para a abertura da galeria subterrânea.

EM QUE FICAMOS?

Pergunta-se novamente à Câmara Municipal como vai ser abastecida de água

... a cidade ...

O problema do abastecimento de água à cidade concita neste momento os olhares de todos os interessados que são os 600 mil habitantes da cidade. A Câmara Municipal em nota fornecida à imprensa declarou que ia remir o contrato com a Companhia das Águas, demonstrando, com larga argumentação, que este odioso monopólio não cumpria a letra do tratado.

O público, farto de ser preterido pelo sinistro director-delegado da referida companhia Carlos Pereira, respirou um pouco na esperança de que de futuro não faltasse a água.

Mas o caso, pelo visto, ainda está longe de uma solução agradável para o público. A Câmara, por razões que ignoramos e que não deixam de irritar a população não mais falou do caso. De forma que todos ficamos ignorando se será Carlos Pereira o eterno ditador das águas ou se a sua dinastia chegou ao derradeiro dia.

Em compensação Carlos Pereira, sem reboço, veio à imprensa proclamar a miséria da Companhia das Águas, dizer que não era verdade o que os vereadores afirmaram em público. A já estafada ária foi pela décima milionésima vez trauteada. E' dizer: Carlos Pereira réeditou há dias, num jornal da tarde, o que há cinco anos não foi capaz de fundamentar ao notável estudo feito pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa.

O ditador das águas, falho de argumentação porque está colocado num terreno falso, recorreu aos mesmos processos de mentira que lhe notámos há alguns anos.

Em presença deste novo maneio do director-delegado da Companhia o que faz a Câmara Municipal? Sim. Hemos de convir que essa triste figura está organizando a sua ofensiva para esmagar a Câmara com tem esmagado todos os governos, mesmo os mais escarlates. O silêncio é bastante comprometedor.

Vamos. O assunto não se compadece com evasivas. Ele tem que ser esclarecido e quanto antes.

A água continua a faltar. O povo teve que restringir os seus gastos para equilibrar o consumo.

A Câmara tem que falar. Tem que dizer-nos se faz a remissão do contrato e em que condições vai ser abastecida de água a cidade. Se não o fizer rapidamente dá-nos o direito de suspeitar de que graves coisas se passam.

Equiparação de vencimentos

O escrivão e os oficiais de diligências do Juízo das Transgressões e Execuções do Porto representaram ao ministro da Justiça, pedindo a equiparação dos seus vencimentos, subsídio de expediente, etc. aos seus colegas dos juízos criminais de Lisboa e Porto. Na representação pedem também que seja criado outro juízo de transgressões e execuções na comarca do Porto ou mais um lugar de ajudante do escrivão do juízo existente e que aos actuais ajudantes dos juízos das Transgressões seja dado maior vencimento do que o atribuído aos ajudantes dos escrivães dos juízos criminais.

Carta dos Estados Unidos

Um português condenado tornou-se testemunha de defesa de dois italianos

BOSTON, 26 de outubro.—O governador do Estado e o seu conselho acabam de sancionar o adiamento da execução do português Celestino Medeiros, de New-Bedford. O adiamento é feito até 27 de janeiro do ano próximo. A resolução foi tomada sob a recomendação do procurador geral, sr. Benton, e do procurador do distrito judicial, sr. Wilbur, os quais consideraram necessário o adiamento para boa administração da justiça.

É o segundo adiamento concedido ao Medeiros devido a ele ter declarado ter estado presente no assassinato dum pagador e guarda em South Braintree em 1920, e que nem Nicolau Sacco nem Bartolomeu Vanzetti estão envolvidos naquele crime pelo qual foram condenados.

Medeiros havia sido, primeiramente, indicado para execução nos princípios de setembro. Foi, porém, adiada a execução até 27 de outubro corrente.

O objectivo deste segundo adiamento foi permitir que depusesse numa audiência sobre a moção para um novo julgamento a Sacco e Vanzetti, baseado na confissão do Medeiros. O juiz Webster Thayer recusou aquela moção, alegando que o Medeiros não tinha dito a verdade.

O adiamento agora concedido foi para salvar esta testemunha principal da defesa, pendente duma apelação ao Tribunal Supremo. O Medeiros assassinou James Carpenter, caixa idoso do Wrentham National Bank, durante uma tentativa de assalto.

William G. Thompson, chefe da defesa de Sacco e Vanzetti, escreveu ao governador pedindo outro adiamento para o Medeiros até ao 1.º de janeiro. O advogado disse que lhe parecia que o Tribunal Supremo poderia tratar do apelo em questão antes daquela data.—Correspondente.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

## As razões dos prestamistas que se querem defender e as razões de «A Batalha» em favor do povo explorado

Os artigos nestas colunas publicados sobre as casas de penhores e o recente decreto que o governo publicou reduzindo-lhes os exagorados lucros para 18 por cento ao ano, provocaram alguns protestos de penhoristas que nós escutamos delicadamente, mas que não atendemos, porque a maneira como eles se pretendiam defender não se condunava com a linha de conduta que este jornal adopta.

Queriam alguns publicar anúncios nas nossas páginas, recusámo-los. Outros pretendiam que, paga à linha, como nos outros jornais, inserissemos a representação que dirigiram ao ministro das Finanças—recusámos também essa publicação.

Ficava apenas aberta por lei uma porta à defesa dos visados—a inserção de uma resposta no mesmo local onde as nossas críticas haviam sido produzidas. Essa defesa não a negamos. Mas os que se defendem têm de escutar os nossos comentários. Esses comentários vão assinados, porquanto o presidente da Associação dos Prestamistas fez dirigir as suas considerações ao signatário, pelo facto de o conhecer pessoalmente.

Antes de mais nada reproduzimos a carta que nos foi dirigida. Os comentários vão depois.

Sr. Mário Domingues: Com os meus respeitosos cumprimentos, e absolutamente confiado na lealdade dos seus processos jornalísticos, rogo a V. a publicação do seguinte:

Pelo facto de me encontrar em causa, tenho acompanhado, com muito interesse, a fogaça campanha do seu jornal contra as casas de empréstimos sobre penhores.

Parece-me, contudo, que dessa atitude, se salva, apenas, a sinceridade—que é muita—e a perseverança, a nobre e simpática rebeldia de todos os iluminados, e... pouco mais.

Dirá V.:—e já é muito.

—E. Mas, o que também é certo é que esses brilhantíssimos predicados são imensamente diminuídos pelos exageros que os acompanham e pelas iniquidades, que, talvez involuntariamente, de tudo isso resultam.

Parece-me bem—e V. o dirá, se lhe aprouver—que um jornal com os largos objectivos da *Batalha*, está desperdiçando as suas energias, atirando a água molhada.

Somos nós os abutres, os chacais, os causadores da podridão social?

Não constituiria semelhante opinião um exagero?

Não será isto tomar a nuvem por Juno, atacar os efeitos e poupar as causas?

Que diria V. se os bombeiros, quando vão apagar um incêndio, se preocupassem apenas em extinguir o fumo?

Os imensos recursos literários da sua canela serão capazes de demonstrar que a atitude desses homens é uma coisa sensata?

Tenho lido, por prazer espiritual, vários tratados de sociologia, antigos e modernos, e jamais vi algum sociólogo atirar-se aos penhoristas como *Santiago aos mouros*, e dizer: ao penhorista voilá l'enemi!

Estará *A Batalha* sinceramente convencida de que a extinção deste comércio—melhor—destes comerciantes, pois que este ramo de actividade durará enquanto existir o homem, é condição sine qua non da sua felicidade, da ventura humana, do paraíso social, sonhado por Platão?

Pensará o seu jornal que os clientes destas casas são exclusivamente os operários? Que violências, que atitudes hostis merecem à *Batalha* os argümentos rapaces que emprestam dinheiro a 30 e 40% ao ano, sobre hipoteca, e esse comércio que tem de lucro 1000%? Isto sim, que é escandaloso! São realmente pesados os juros das casas de penhores? São, mas o que é certo é que esse juro não ultrapassa os limites do que normalmente levam os credores hipotecários. E quer V. saber o motivo?

Asso que aqueles credores se evadem facilmente ao imposto, exarando nas escrituras um juro muito inferior àquele que realmente levam *por fora*, os credores pigoratórios, a que, em linguagem vulgar, se dá o nome de *penhoristas*, não só declaram nas suas facturas o juro real das suas operações, como têm a sua escrita comercial regularmente montada e periodicamente fiscalizada, e o Estado lhes absorve quasi todos os seus rendimentos em contribuições fiscais.

A *Batalha* seguiria certamente um caminho mais justo obtendo uma diminuição desses impostos, e em consequência do que evitar-se-ia a fatal difusão do imposto, que é, como v. sabe, uma lei irrefragável das finanças.

De resto, a sua campanha está favorecendo apenas a monopolização dos penhores pela Caixa Geral dos Depósitos, inspiradora do decreto que v. tão calorosamente tem aplaudido.

Sendo v. um sindicalista convicto, e interessando-se tão vivamente pela situação moral e material das classes trabalhadoras, pergunto: que destino a dar ao imenso pessoal que nestas casas ganha o pão da sua família, se elas forem tão abruptamente aniquiladas pelas draconianas disposições do decreto recentemente publicado?

Em que conta tem o seu jornal os direitos adquiridos?

Já fez v. o exame minucioso das disposições legais com que o Governo pretende atingir-nos?

Olça, meu caro jornalista: estas casas existem porque existe a necessidade; e a recíproca não é verdadeira, a não ser que se esteja de muito má-fé.

Mas, quantos serviços, quantos favores, quantas lágrimas, estes vampiros dos prestamistas não têm escondido numa cautelosa

penhores?

E' justa a revolta daqueles que acorrem aos nossos balcões; mas essas revoltas, talvez porque a miséria lhes perturbe a razão, dirigem-se erradamente contra os penhoristas, vendo neles os causadores directos da sua miséria, quando é certo que esses causadores estão mais alto, mais longe, e acima de nós e atrás de nós, também suas vítimas, e se riem despreocupadamente, lançando-nos às feras, e atirando-nos com todo o odioso.

V. é um artista profundo, um espírito muito festejado, e poderia divagar sobre o caso, pondo o Estado a tirar castanhas do lume com a mão do gato.

Porque o não faz?

Fico-lhe muito obrigado pela atenção que me dispensou, terminando por pedir-lhe a publicação desta carta e o seu comentário desassombrado e leal, reservando-me o direito de trépica, pois seria um grande prazer para mim vir ao seio da própria classe trabalhadora provar-lhe com números e com razões a injustiça dos ataques que nos são feitos.

Sem mais se subscreve, de v. etc.—O presidente da Associação dos Prestamistas, José Pereira dos Santos Junior.

Os artigos de *A Batalha* acerca da questão dos empréstimos sobre penhores são absolutamente justos. Inspiram-se na miséria social que por aí campeia e que todos exploram, desde o merceiro ao senhorio, do negociante de calçado ao farmacêutico. Os penhoristas vivem, como todo o comércio, da miséria popular engendrada por uma sociedade iníqua, de base capitalista, essencialmente individualista.

Ao combater os prestamistas *A Batalha* não o faz por ódio especial a essa classe capitalista, mas por princípio—visto que luta contra toda e qualquer espécie de exploração.

Se a sociedade não estivesse organizada nestes moldes iníquos a que nos referimos e se fosse presidida por uma moral diferente, onde o bem comum estivesse acima do bem individual, não existiriam prestamistas—porque o meio ambiente não os criaria, como não geraria merceiros, nem senhorios, nem argüentários a emprestar a 30 e 40% ao ano.

E' possível que os prestamistas tenham as suas razões particulares contra o Estado que os sobrecarrega de impostos. Dessas razões não nos

competes curar, sabendo nós de antemão que o povo paga esses impostos—porque é sempre o povo quem paga, directa ou indirectamente, todas as contribuições.

Pergunta-nos o sr. Pereira dos Santos Junior porque motivo não combatemos esses argüentários. Acha-mos descabida a pergunta. Só quem não tenha lido *A Batalha* durante os sete anos da sua existência ignora o combate que temos dado a todos os argüentários. As campanhas que neste sentido temos sustentado não as queira suportar a classe dos prestamistas. Têm sido as mais violentas, as mais tenazes, as mais eloquentes. E são muito pequenas comparadas com os crimes que eles têm praticado.

Preocupa-se o sr. Pereira dos Santos com a sorte do pessoal das casas de penhores, caso estas fechem. Sim, a sorte do pessoal é respeitável. Temos pelos empregados, que são trabalhadores, tanto interesse quanto menos atenção temos pela sorte dos prestamistas, dos patrões. Estranhámos que o ministro das Finanças não se tivesse lembrado de que o pessoal das casas de penhores não tem culpa de que os patrões arranquem exagerados juros à pele do povo. Não nos esqueceremos de pugnar, portanto, pela sorte dos empregados. Mas não julgemos os penhoristas que o fazemos em atenção aos seus negócios.

Agradecemos os elogios dirigidos à sensibilidade do signatário—e acrescentaremos, por muito que isso pese a quem tão amavelmente nos trata, que é essa sensibilidade que nos leva, nesta luta entre os exploradores e os explorados, a escolher o campo destes últimos atacando com armas leais mas firmes, os prestamistas, os argüentários e todos os que vivem e enriquecem à custa da miséria dos trabalhadores.

Achamos desnecessária a trépica do presidente da Associação de Prestamistas. Seria perder tempo e desperdiçar espaço—espaço que bem pouco é para combater tanta iniquidade que vai por esse mundo.

Mário Domingues

## UNIVERSIDADE POPULAR PORTUGUESA

«A Batalha» é saudada pela prestimosa Instituição popular

O conselho administrativo distinguiu *A Batalha* com uma enterecedora saudação, que retribuímos afectuosamente, com os nossos desinteressados votos de incessantes prosperidades na sua elevada missão educativa.

Reproduzimos seguidamente o officio que nos foi enviado pela distinta Universidade Popular Portuguesa:

«Tem tido esta Universidade a satisfação de ver compreendida, por esse denodado campeão das realidades operárias, a elevada missão educativa a que visam os objectivos deste instituto.

Não se tem eximido o jornal *A Batalha* a prestar-nos a sua dedicada e valiosa colaboração, fazendo a propaganda da obra da Universidade Popular Portuguesa, já nesse periódico, já no seu suplemento literário, já na extinta e interessante revista *Renovação*, por forma a tornar bem conhecida a missão que nos impuzemos.

Nunca é demais salientar não só a atitude benevola que todos vós tendes tido para conosco, mas também a alta benevolência e utilidade social que significa, da vossa parte, a coadiuvação que nos dais.

«Porisso alguém lembrou, na assembleia geral ultimamente realizada, um voto de louvor e de profundo agradecimento por tão nobre atitude como a que assumistes para com este instituto de educação e ensino.

Com íntimo júbilo constatámos quanto, entusiasticamente, foram aclamados, pela referida assembleia, a saudação e agradecimento consubstanciados em tal voto.

E com prazer ainda maior nos dessemos-nhamos, por este meio, do encargo de vos comunicar, conforme também foi aprovado, a resolução tomada na referida assembleia.

São iniciados amanhã os trabalhos do presente ano educativo

E' a Universidade Popular Portuguesa uma instituição à qual a classe operária de Lisboa deve os maiores serviços e que, criada com o fim de contribuir para a educação geral do povo português, regista já um apreciável esforço, nem sempre devidamente correspondido, infelizmente.

Terminado o período de férias, vai a referida instituição iniciar agora o novo ano educativo, devendo o dr. sr. Câmara Reis inaugurar os trabalhos com uma conferência que realizará amanhã, pelas 21 horas, na sede da Universidade, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, sob o tema *A cultura do espírito e a saúde*, seguida de sessões

são cinematográfica, sendo a entrada pública.

Nas secções que a mesma Universidade mantém nas sedes de vários sindicatos operários vão prosseguir, dentro de breves dias, as conferências e as sessões cinematográficas educativas, contando aquela instituição com um elenco de conferencistas em que figuram os nomes de alguns dos mais distintos especialistas do nosso meio intelectual: professores das escolas superiores e secundárias do país, escritores, sábios e artistas.

O novo conselho administrativo, que hoje efectua a sua terceira reunião, com a assistência dos delegados das secções de Lisboa, está ultimando o programa de trabalhos para o presente ano educativo.

O interesse do operariado pela admirável Instituição

Na sede do Sindicato Unico da Construção Civil mantém a Universidade Popular Portuguesa uma secção que muito poderá contribuir para a educação dos operários da indústria.

A referida secção vai recomençar a sua actividade na próxima semana, com a abertura de uma série de conferências que serão efectuadas na sede do Sindicato e nas suas secções.

A comissão escolar do S. U. C. C. empeneha-se em recomendar a notável instituição de ensino popular aos operários, entendendo sensatamente que, por intermédio da U. P. P., eles poderão desenvolver as suas faculdades de trabalho e de inteligência, formando a capacidade mental e social indispensável ao advento de uma sociedade melhor.

Aquela comissão escolar exorta todo o operariado da indústria da construção civil e, também, o público, a concorrerem para o êxito da admirável obra de educação popular que a U. P. P. está realizando com o recurso das conferências, sessões cinematográficas instrutivas, serões de arte. O operariado não deve faltar às conferências e sessões, manifestando assim o seu desejo de saber e apoiando com interesse uma obra profundamente popular.

Factos da Natureza

O Vesúvio em actividade

NAPOLÉS, 16.—O Vesúvio entrou novamente em actividade, expelindo grandes quantidades de lava e fazendo-se ouvir fortes rugidos subterrâneos.—L.

Instituto de surdo-mudos

Foi para o *Diário do Governo* o decreto autorizando o Instituto de Surdos Mudos, a cargo da Casa Pia de Lisboa, a elevar o número de internados.

Serviços farmacêuticos

O sr. Fernando Fernandes Pimenta foi nomeado assistente dos serviços farmacêuticos dos hospitais da Universidade de Coimbra.







MARCO POSTAL

Mass. U. S. A. — Club de Estudos Sociais. — Recebemos carta e cheque de 102\$00 ficando paga a assinatura até fim do corrente ano.

Figueira da Foz. — J. Alves de Freitas. — Recebemos carta e 20\$00. As considerações a respeito do correio, vamos providenciar.

Leixões — Liberdade. — A pessoa de que fala é outro amigo.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94375	
Madri, cheque	2597	
Paris, cheque	506	
Suica, cheque	3378	
Bruxelas, cheque	2574	
New-York, cheque	19560	
Amsterdã, cheque	7584	
Háia, cheque	581	
Brasil, cheque	2560	
Praga, cheque	5585	
Suécia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Berlim, cheque	4567	

TEATROS

Nacional. — A's 21, 15. — O Parafítico. Avenida. — A's 21. — O Pão de Ló. Politeama. — A's 21. — O Centenario. Ginásio. — A's 21. — Sonho de uma noite de Agosto. Apolo. — A's 20, 30 e 22, 30. — A Princesa Manuquin. Eden. — A's 20, 45 e 22, 45. — Cabaz de Morangos. Variedades. — A's 20, 30 e 22, 45. — Saricote. Maria Vitória. — A's 20, 30 e 22, 30. — Píndia. Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo. Salão Foz. — A's 15 e 20, 30. — Variedades. Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olimpia. — A's 21, 15. — e sôitres. — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chado Terras. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden Cinema. — Rua do Alívio (Alcantara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. (Mouraria). — Cine Esperança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatôgrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93  
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Nardim. — A's 8 horas.  
Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar. — 10 horas.  
Dentes, tratamentos. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas.  
Pele e sífilis. — Dr. Correia Figueiredo. — 11 e 12 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Loff. — 2 horas.  
Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos. — 2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas.  
Estômago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 horas.  
Doenças das crianças. — Dr. Emilio Paiva. — 2 horas.  
Doenças das crianças. — Dr. Filipe Mano. — 12 horas.  
Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma. — 3 horas.  
Eoca e dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas.  
Cancro e radio. — Dr. Cabral de Melo. — 4 horas.  
Veto K. — Dr. Aleu Salazar. — 4 horas.  
Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 4 horas.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. \$50  
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofone. \$50  
O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha. \$50  
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. \$150  
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. \$100  
A Humanidade, por Taraf Javali. \$150  
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin. \$200  
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchero. \$200  
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2ª série. \$250  
O Mitoísmo, pelo prof. Almeida Paiva. \$250  
Os Crimes da Sacerdotia, por Alexandre Barbas. \$300  
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia. \$350  
A Filologia perante a História, por Nobre França. \$500

Lojaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prêmios maiores . . . 4:000.000\$00  
1:200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, canteiras a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

**Campião & C.**  
116, RUA DO AMPARO, 116  
LISBOA

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

**PELARIA CONFIANÇA**  
6 — Rua da Palma — 3-A  
Esta casa tem sempre um grande stock de peles para senhoras, vindas directamente das melhores fabricas estrangeiras.

**Barreiros & Jesus**  
TELEX. II. 3691

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios	
Galvanoplastia	18\$00
Motors de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Cimento armado	25\$00
Construção Civil	
Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terraplenagens e alioscos	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00
Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas	20\$00
Fogoeiro	16\$00
Formador e esturador	12\$00
Fundidor	13\$00
Piloteagem	16\$00
Industria alimentar	12\$00
Industria do vidro	12\$00
Mecânica	
Torneiro e Frazador mecânicos	15\$00
Deseño de máquinas	25\$00
Materia agricola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13\$00
Problemas de máquinas	16\$00
Elementos gerais	
Algebra elemental	13\$00
Arithmetica practica	15\$00
Deseño linear geometrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de Mecânica	12\$00
Elementos de Modelação	12\$00
Elementos de Projectação	16\$00
Elementos de Quimica	12\$00
Geometria plana e no espaço	13\$00
Fabricação de tecidos	13\$00

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

**SAPATARIA SOCIAL OPERARIA**  
Sapatos para senhoras . . . 30\$00  
Sapatos em verniz . . . 30\$00  
Botas pretas (grande salto) . . . 40\$00  
Botas brancas (salto) . . . 28\$00  
Grande salto de batista (40) . . . 38\$00  
Lotas de cor para homem . . . 40\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Social Operaria e a Social Operaria, 16-A, com Filial na mesma rua, de 24.

**"A BATALHA"** no Funchal vende-se na Rua da La Presse.

**NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS** sem consultar

a Empresa de Limas União Tomé Fêiteira, Lda

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa

Travessa do Fala Sô, 9-B

TELEF. N. 3415

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS**

**A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O**

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528, Escriatório e Garage: Rua Almirante Barroso 21

SECCAO DE LIVRARIA DE "A BATALHA" PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista	3\$00
Antonielli — A Russia bolchevista	2\$00
Dane Morlier — A razão dum padre	5\$00
Dufour — O socialismo e a proxima revolução (2 volumes)	8\$00
Emilio Bossi — Cristo nunca existiu	6\$00
Geo Williams — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso da J. S. V. de Moscou	1\$00
Gustavo La Bon	
As primeiras consequências da guerra	8\$00
Ensinamentos psicologicos da guerra europeia	8\$00
Leis psicologicas da evolução da raça	6\$00
Guyau — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção	5\$00
Educação e Hereditariedade	4\$00
Hamon	
A conferência da paz e a sua obra	5\$00
As lições da guerra mundial	8\$00
O movimento operário da Grã-Bretanha	5\$00
Psicologia do socialista-anarquista	5\$00
A crise do Socialismo	5\$00
A psicologia do militar profissional	5\$00
Henrique Leao — O Socialismo	4\$00
Heliodoro Salgado	
O culto da imaculada	10\$00
Jean Grave	
A sociedade futura	5\$00
O individuo e a sociedade	4\$00
Joseph J. Ester — Unionismo industrial	5\$00
Julio Guesde — A lei dos salarios	5\$00
Justus Ebert — Os I. W. W. na teoria e na pratica	3\$00
Kropotkin	
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal	1\$50
A Grande Revolução (2 vol.)	10\$00
A moral anarquista	5\$00
Os bastidores da guerra	3\$00
O Estado e o seu papel historico	1\$50
Lazare — A Liberdade	5\$00
N. Lenin — Os problemas do poder soviético	1\$50
O Estado e a Revolução	4\$00
Landauer — A Social Democracia na Alemanha	5\$00
Manuel Rieira — Na linha de fogo	3\$00
Marx — O Capital	5\$00
Melchior Inchofer — Monarquia jesuitica	3\$00
Nietzsche	
Anti-Cristo	4\$00
Genealogia da moral	4\$00
Neno Vasco — Ao Trabalhador Rural	3\$00
Georgicas	3\$00
Concepção Anarquista do Socialismo	3\$00
A greve dos inquilinos	1\$50
Novicow — A emancipação da mulher	4\$00
Palaut e Pouget — Como faremos a revolução	4\$00
Perfeito de Carvalho — Notas e comentários	1\$50
Sebastião Faure — Doze provas da inexistência de Deus	1\$50

ISQUEIROS

Tibos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

**FRANCISCO LATTA**  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

Livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rucker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

**A revolução Social e o Sindicalismo**  
Por Arkinoi. Preço 1\$50.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN. CIA E ENSINO	
Abel Botelho — Amanhã	16\$00
Alexandre Herculano	
Lendas e Narrativas (2 volumes)	18\$00
Cartas (2 volumes)	18\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.)	27\$00
Adolfo Lima	
Contracto do Trabalho	10\$00
Educação e ensino	5\$00
O ensino da história	4\$00
Aquino Ribeiro	
Anatole France	5\$00
Estrada de São Tiago	10\$00
Jardim das Tormentas	10\$00
Via Sinuosa	10\$00
As Filhas da Babilônia	10\$00
Terras do Demo	10\$00
Augusto Machado — Impossível redenção (novela)	2\$25
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados)	10\$00
Bente Faria — Missa nova (teatro em verso)	2\$00
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus	4\$00
Buckner — O homem segundo a ciência	12\$00
Fôrça e Matéria	12\$00
Charles Darwin — Origem das espécies	14\$00
Campos Lima	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00
O Amor e a Vida	5\$00
Ceia dos Pobres	2\$00
A Revolução em Portugal	6\$00
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela)	2\$25
Duarte Lopes — Frei Sanguê	5\$00
Ega de Queiroz	
O crime do Padre Amaro	18\$00
O primo Basílio	15\$00
O Mandarim	8\$00
Os Maias (2 vol.)	28\$00
A Reliquia	15\$00
A Cidade e as Serras	12\$00
Fradique Mendes	9\$00
Casas Ramires	15\$00
Prosas Bárbaras	10\$00
Êcos de Paris	9\$00
Cartas Familiares	9\$00
Cartas de Inglaterra	9\$00
Minas de Salomão	9\$00
Notas Contemporâneas	15\$00
Últimas páginas	15\$00
Contos	15\$00
Ernesto Haeckel	
História da Criação	20\$00
Origem do Homem	5\$00
Os enigmas do Universo	14\$00
Monismo	4\$00
Religião e evolução	6\$00
As maravilhas da vida	14\$00
Faguet — Iniciação filosofica	5\$00
Iniciação literaria	10\$00
Fausto de Vasconcelos	
Problemas escolares	5\$00
Por terras de além mar	5\$00
Ferreira de Castro	
Sangue Negro	2\$50
Sentidos de Lirismo e de Amor	8\$00
A Peregrina do Mundo Novo	6\$00
F. Castro e E. Frias — A Boca da Esquina	5\$00
Flammarion	
Iniciação astronomicã	5\$00
Contos de Inat	5\$00
Como acabou o mundo	7\$00
Os habitantes dos outros mundos	4\$00
Felix le Dantec — As influências astrais	10\$00
Aleismo	6\$00
Fialho de Almeida	
Lisboa Galante	10\$00
Estâncias de Arte e Saúde	9\$00
Figuras de destaque	9\$00
Actores e Autores	9\$00
Contos	9\$00
A Esquina	9\$00
Aves Migradoras	9\$00
Barber, Pentzer	9\$00
Cidade do Vicio	9\$00
Pasquinadas	10\$00
Paiz das Uvas	9\$00
Saibam quantos	9\$00
Vida errante	9\$00
Vida ironica	9\$00
Guerra/Inimigo — A morte de D. João	10\$00
Musa em férias	9\$00
Os Simples	7\$00
A velhice do Padre Eterno (Encarnação de luxo)	14\$00
Brochado	10\$00
Gorki — Os Degenerados	4\$00
Os Vagabundos	4\$00
Na Prisão	2\$50
Hansen — Espectros	4\$00
Casa de bonecas	5\$00
Jaquinet — História Universal, 2 v.	10\$00
Jaime Cortezado — Adão e Eva (teatro)	5\$00
José Bonelly — A ciência redentora (novela)	2\$25
José Bonelly — O mestre geral (novela)	2\$25

Jorge Teixeira — Catunos de Luvá Branca — A Escamalha (pagas de teatro) . . . . . 2\$50

Juliano Quintilha

Visinhos do Mar . . . . . 8\$00

Cavalgada do Sonho . . . . . 8\$00

Terras de Fogo . . . . . 8\$00

Dor vitoriosa (novela) . . . . . 2\$25

Laisant — Iniciação matematica . . . . . 5\$00

Malvert — Sciência e Religião . . . . . 10\$00

Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela) . . . . . 2\$25

Anastácio José (idem) . . . . . 2\$25

Manuel Ribeiro

Poder redentor (novela) . . . . . 2\$25

Mirbeau — O Jardim dos Suplicios . . . . . 4\$00

Nogueira de Brito

1-Memorias de Angela Pinto

Sangue Fidalgo (novela) . . . . . 2\$25

Não, diz a Lei (novela) . . . . . 2\$25

Pargame — Origem da vida . . . . . 8\$00

Oliverio Martins

Helénismo e a Civilização Criati . . . . . 15\$00

História da Civilização ibérica . . . . . 15\$00

História da República Romana (2 volumes) . . . . . 30\$00

História de Portugal (2 vol.) . . . . . 30\$00

Raças Humanas (2 vol.) . . . . . 30\$00

O Brasil e as Colônias Portuguesas . . . . . 15\$00

Cartas Peninsulares . . . . . 15\$00

Sistema dos mitos e effigies religiosas . . . . . 15\$00

Orlando Marçal

Agua clara . . . . . 6\$00

Imagens de Sonho . . . . . 1\$00

Raul Brandão

Os Pescadores . . . . . 10\$00

Os Pobres . . . . . 10\$00

O Teatro . . . . . 8\$00

Spencer — Da Educação (br. 5\$00) enc. . . . . 8\$50

Sobral de Campos — Dois tiros (novela) . . . . . 2\$25

Tolstol — A sonata de Kreutzer . . . . . 4\$00

Ana Karenine (3 vol.) . . . . . 15\$00

Toufouse — Como se deve educar o espirito . . . . . 4\$00

Wenceslau de Moraes

Dei-Nippon . . . . . 12\$50

Victor Hugo

France e Belgica . . . . . 10\$00

O Reno (2 v.) . . . . . 15\$00

Os Miseraveis (2 grossos vol) ilustrados, encadernados . . . . . 40\$00

Zola

A Taberna . . . . . 12\$00

Tereza Raquin . . . . . 5\$00

Alegria de viver (2 vol.) . . . . . 8\$00

A conquista de Plassans, (2 vol.) . . . . . 8\$00

Fecundidade . . . . . 20\$00

A lortuna dos Rougons, (2 vol.) . . . . . 8\$00

Uma página de amor . . . . . 9\$00

Dr. Pascal . . . . . 8\$00

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1\$00
A Evolução legal e a anarquia	3\$00
Gonçalves Correa — A Felicidade de todos os seres na Sociedade futura	5\$00
José Prat — A burguesia e o proletariado	5\$00
A necessidade da Associação	5\$00
Content — Contra o confusãoismo	3\$00
Alfredo Neves Dias — Razão (poemato social)	5\$00
Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social	3\$00
Landauer — Social Democracia	3\$00
R. Mela — O principio do fim	3\$00
A maçonaria e o proletariado	3\$00
J. Most — Peste religiosa	5\$00
João P. de Rio	
Definições sociais	5\$00
Floras anarquicas (versos)	5\$00
Trovas da Noite	1\$00
Roberto, o pescador	1\$00
Memórias do Parque de São João do Forte	7\$50
Carnet de Pensamento	3\$00
J. Bakunin — O sentido em que somos anarquistas	5\$00
Chueca — Como não ser anarquista	5\$00
Lazare — A Liberdade	5\$00
J. Krivant — A minha defesa	5\$00
Kropotkin	
Os bastidores da guerra	3\$00
Moral anarquista	3\$00
O espirito revolucionário	3\$00
O estado e o seu papel historico	1\$50
J. Guedes — Lei dos Salarios	5\$00
Briand — A greve geral	5\$00
Roland — Russia Nova	5\$00
O sindicalismo e os intelectuais	5\$00
D. Carvalho — A gestão sindical no periodo revolucionario	5\$00
A. Hamon — A crise do socialismo	5\$00
J. Santos — A transformação da sociedade	5\$00
Neno Vasco	
Georgicas	3\$00
Greve de inquilinos, teatro	1\$00
Proletariado Historico	1\$00
G. Archinoli — A Revolução social e o Sindicalismo	5\$00
Carlos Rutes — A ditadura do proletariado	1\$00
Emilio Chaptier — Porque não creio em Deus	1\$00
Rodolfo Rucker — O sindicalismo revoluc. e a organização operaria	1\$00

OS MISTERIOS DO POVO 17-11-1920

sempre a conspirar com o Veto e com a austriaca. Lançam os soldados prussianos contra o nosso pobre pai. O vizinho bem vê que, duma forma ou de outra, é preciso acabar com isto!

—Minha mulher tem razão. Olhe, vizinho: quando as secções, a Comuna e até o sr. Danton, todos, em fim, entendem que é preciso expurgar as prisões, já se sabe que era impossível tanta gente concordar no mesmo pensamento, se ele não fosse justo, ou pelo menos necessário.

Eu citei estas palavras, porque são a expressão do sentir geral de todos a respeito do assunto em questão.

Quando saí da casa onde me tinha refugiado, fui, não a minha secção, ter com os meus camaradas da guarda nacional, como tinha tencção, mas, obedecendo ao apelo feito pela Assembleia a todos os armeiros, serralleiros e ferreiros, que deviam ser encarregados de fabricar a toda a pressa o maior número de armas possível, dirigi-me à Assembleia nacional, onde estava sempre reunida a junta militar. Eu esperava que fosse mais do que suficiente o número de operários destes officios para o fabrico do número de armas necessário; e, neste caso, estava resolvido a marchar no dia seguinte com o exército. Dois motivos me ditavam esta resolução: primeiro o meu dever cívico, e depois o desgosto que me causava o desvairamento do espirito de minha irmã Vitória. Neste momento decerto —horível pensamento! — estava ela, serena e feroz como a deusa das Represálias, assistindo à matança dos prisioneiros.

Havia poucos dias, tinha eu recebido uma carta de Carlota Desmarais. Ela continuava a residir com a mãe em Lyão, assegurava-me do seu amor e da sua inabalável constância, dizia-me que estava traçado o meu dever de cidadão, em face dos perigos com que os exércitos aliados ameaçavam o país; afirmava-me que suportaria com coragem as novas provações que a esperavam se eu partisse para a fronteira. Infelizmente, eu não me pude alistar, porque os artistas ne-

cessários para o fabrico das armas eram insufficientes; a todos foi prohibido sair de Paris, por um decreto da Assembleia, datado de 4 de Setembro de 1792.

Eis o espectáculo de que eu fui testemunha quando caminhava para a Assembleia, espectáculo comovedor na sua simplicidade:

No meio da praça Vendôme elevava-se uma tenda sustentada nos cantos por lanças com barretes vermelhos nas pontas. Nesta tenda estavam alguns officios municipais, com as competentes bandas tricolores, procedendo ao alistamento dos cidadãos; serviam de mesa dois tambores sobrepostos. Sobre esta mesa improvisada havia um tinteiro, uma pena e o registro onde se escreviam os nomes dos voluntários; cada um deles recebia um abraço fraternal dum dos funcionários municipais e partia bradando:

— Viva a nação!

— Oh! dias sem iguais na história! singulares dias em que o amor da pátria, o heroismo da dedicação cívica, a exaltação das mais santas virtudes da família se misturavam a appetites de vingança e exterminio! Eu ouvia já dizer em redor de mim, a uns com feroz satisfação, a outros com indiferença ou com a resignação imposta por uma cruel necessidade:

— Estão-se executando os conspiradores; estão sendo expurgadas as prisões! Morram os padres e os aristocratas!

Na tenda em que os municipiaes inscreviam os voluntários vi eu entrar um simpático ancião, acompanhado pelos seus cinco filhos, dos quais o mais novo parecia ter dezoito annos, e o mais velho, de perto de quarenta, trazia pela mão um filhinho seu, apenas adolescente. Estas sete pessoas, completamente armadas e fardadas à sua custa, traziam ás costas as mochilas próprias dos soldados. O velho tomou a palavra e falou assim a um dos officios:

— Cidadão, eu chamo-me Mateus Bernardi, sou taneiro e moro na rua de São Vitor n.º 71, com os meus cinco filhos e o meu neto; nós vimos todos alistar-nos, e vamos para a fronteira.

Fora da tenda esperavam-nos a mulher deste digno cidadão, sua filha, de dezasete annos de idade, e a mulher do filho. Nos semblantes destas três mulheres não se lia receio nem desgosto; as lágrimas que lhes brilhavam nos olhos eram de enthusiasmo.

— Até a vista, minha mulher, minha filha e minha nora! dizia o velho com voz forte e tranqüila. Vamos descançados pela sorte de todas as nossas familias, porque as prisões estão expurgadas. Já nos resta apenas combater os prussianos, nas fronteiras, adeus, até à vista! . . . Viva a nação! Viva a república! Morram os padres e os aristocratas!

No meio deste desfile de alistamentos voluntários, ouvi eu os estalos dum chicote, e estas palavras proferidas por uma voz alegre e sonora:

— Afastem-se, cidadãos, se fazem favor! Anda, Russo! . . . depressa, Alazão!

E logo vi chegar, por entre a multidão que se afastava para lhe dar passagem, um homem no vigor da idade, de aspecto franco e marcial, com chapéu alto de oleado e casaca; ele vinha montado num cavallo russo, trazendo pela arreata um baio, ambos aparelhados para serviço de tiro; um deles trazia à garupa um saco de aveia, e uma porção de feno, e o outro levava uma mala de viagem. O casaco deste homem era apertado na cintura pelo talim duma espada de cavalaria que lhe pendia ao lado esquerdo. Eu notei com surpresa que nos copos desta espada havia manchas de sangue.

— Cidadãos municipiaes! disse o homem sem se apeiar, e ficando com os cavalos à porta da tenda. Inscrevam-se voluntários Tiago Duchemin, cocheiro, e antigo artilheiro; eu vendi o meu trem para pagar as despesas de viagem, e parto para a fronteira com os meus cavalos Russo e Alazão. Ofereço-os à pátria, só pedindo que me não separem destes, e que me alistem com eles num regimento de artilharia montada. Não de ver como eles trabalham, se os atrelarem a uma peça de quatro. Portanto, cidadãos municipiaes, inscrevam-nos a mim e aos meus animais. Eu tam-

bém prestei auxilio aos patriotas que trabalhavam na Abadia. Está tudo pronto. . . estão expurgadas as prisões. E agora, para as fronteiras!

Declinava já o dia quando eu cheguei à Assembleia Nacional para me pôr ás ordens da junta militar. Enquanto esperava a minha vez para me inscrever



# A BATALHA

Quando se materializam os projectos que em proveito da cidade tão anunciados foram.



## Varrendo a testada

O caso do Ateneu de Educação Popular de S. Paio

Publicamos uma correspondência de São Paio (Gouveia) acerca de atitudes antipáticas assumidas por dirigentes do Ateneu de Educação Popular daquela localidade. Escreve-nos agora Artur Gaspar Cabral Júnior a seguinte carta que passamos a reproduzir:

«Camarada redactor: A local publicada na Batalha de 4 do corrente sobre este título, não vem assinada, mas tresandando a beatidão. Ou talvez seja autoria daqueles membros que ultimamente foram expulsos da Direcção do Ateneu, pelo seu bom comportamento entre os pioneiros da Causa que traíram.

O Ateneu de Educação Popular foi mandado construir pelos nossos patrícios que em terras da América procuram o pão que aqui lhe negavam. Com este acto quiseram eles não somente demonstrar o seu amor por todos os sampalenses que verão no Ateneu o seu único lar, mas também vincar o seu ódio às oligarquias financeiras e religiosas, se não quisermos dar a todas o nome de reacção.

A casa que hoje é sede do Ateneu não foi construída há muito e no entanto esta associação já tem anos. Nas diversas modalidades por que tem passado o Ateneu, sempre tem encontrado a seu lado almas cheias de ideal, a quem os contrários residentes na América do Norte confiaram o espionhoso encargo (pondo os fundos à sua disposição) de dar a este Povo um pouco de compreensão dos seus Direitos e Deveres Sociais. Resolvida que foi a construção da sede actual e depois da realizada, verificou-se que a cota de 50 centavos mensais que pagam os sócios, não cobria os encargos do Ateneu, como sejam: a luz eléctrica, que os «beneméritos» nos fazem pagar, quando ele nada pagam à Natureza que lhes fornece a energia hidráulica; a compra de livros, material escolar, etc. que não podia ser provida pelos estudiosos que mal ganhavam para engajar a boca; a assim muitas ninharias, que quem já esteve à testa de casas deste género deve compreender. Para acorrer a tantas despesas, fundou-se o Grupo Dramático A. E. P. que deu algumas recitas numa sala da sede do Ateneu, com geral agrado e a casa sempre cheia. No peito dos lutadores da nobre causa houve, ao verificar isto, um amplexo de alegria, pois se o povo gostava de ver o que é belo, compreenderia também as verdades que dos seus lábios estavam prontas a estalar.

Esta concorrência aos espectáculos foi vista pelos habituais exploradores deste povo sob outro aspecto. Eles, que temiam meter-se em negócios de teatro, viram quanto eram falsos os seus receios, e vão de construir um teatro. Disponham os exploradores de grandes capitais arrancados dia a dia ao miserável povo e não admira que fizessem uma sala de lotação maior que a do Ateneu, a que mesmo o interesse no negócio convidava. Mas note-se: os «beneméritos» dizem que pelo seu «amor» ao povo desejaram dotar São Paio com um teatro maior. Isto é um amor postumo, pois quando esta terra não tinha nenhum teatro, esqueciam-se do povo, só quando viram que os espectáculos viriam a dar lucro, é que viram que um teatro era pouco, eram precisos dois.

Construído que foi o novo teatro, que a-par-de uma lotação um pouco maior do que a sala do Ateneu, é um perfeito palheiro, de bancos rústicos e sem fôrro no telhado, a que as telhas dão a sua característica cor encarnada, formou-se um novo grupo dramático composto de beatos, integralistas e dos celeberrimos democráticos partidários do «landru» António Maria da Silva, elementos heterogêneos que se dispunham, em contrabalanço com o grupo do Ateneu, a levar o povo a amar a Deus e temer o diabo e com falsas teorias fazê-lo desviar a vista da Verdade.

Já se sabe que os lutadores da causa da liberdade, tinham daí em diante de redobrar de esforços e por todos os meios acabar com o manancial de mentira que nascia. Não o compreendendo assim um membro da direcção do Ateneu, que agora foi expulso. Pelo seu gesto, deu-se o desmembramento do Grupo Dramático do A. E. P. e a fuga de quasi todos os socios. Mas agora que as coisas voltaram à primitiva forma com a entrada de nova direcção, vão enfim, os «Americanos» ver satisfeitos os seus desejos. Deve-se ainda observar a forma estúpida do autor da local de 4, ao referir-se num jornal operário a melhoramentos (como se os que trabalham a isso não tivessem direito e não fossem eles que tudo construíram) destacando os beneméritos, que são deste jaez: o proprietário do novo teatro exigiu a um grupo de estudantes que promoveram uma recita a favor das vítimas do Faial, 300 escudos pelo aluguer da casa, em cada noite. E demais todos os operários conscientes sabem o que se esconde atrás da máscara da benemerência.

De resto, os meninos continuam a rir das momicas dos macacos.—Artur Gaspar Cabral Júnior.

Lamentamos as desinteligências havidas e deploramos igualmente que haja quem se esqueça da nobre função que este jornal tem a desempenhar, servindo-se dele para, ludibriando a nossa boa fé, fins deploráveis e ataques injustos. Oxalá que esta carta contenha a verdade sobre o assunto—verdade que não podemos averiguar directamente dada a distância a que estamos de Gouveia—e tudo fique arrumado de vez.

—\*

Ainda o desastre de Alhos Vedros

O julgamento da firma Pinto & Gamelro

No dia 23 do corrente realiza-se no Tribunal de Desastres no Trabalho o julgamento da firma Pinto & Gamelro, de Alhos Vedros, jarrendatária daquela fábrica que há meses viria, soterrando mais de 50 operários.

Por esse motivo devem comparecer nesse dia, 14 horas, naquele tribunal, rua da Boavista, 9, Lisboa, os sinistrados Virgínia Luíza Urbano, Odete dos Santos Estrela, Carlota Paulo Melão, Maria Senhorinha, Horácia dos Anjos de Lima, Joaquim Alves Peixoto, Agostinho Pinto, José Joaquim.

## MEDITAÇÕES HERÉTICAS

### OS SACERDOTES DA RELIGIÃO

O que é a religião? É um conjunto de crenças e doutrinas ensinadas aos povos por sacerdotes. Pode ser que algum diga não serem os sacerdotes os que ensinam tais doutrinas e crenças, mas ter sido Deus que as revelou. Responderemos, porém, que, no entender dos padres, Deus as revelou há longos séculos e os sacerdotes não as transmitiram. O que se trata de saber, portanto, é se os sacerdotes dizem ou não a verdade, se são pessoas dignas de crédito ou serão capazes de mentir, e ainda se têm algum interesse no ludíbrio.

Ser padre é ter um ofício como outro qualquer. Os padres vivem pregando, executando determinados ritos e cerimónias, tal como o rei vive governando os seus subditos, o patrão explorando os seus operários e, segundo o estilo, muitos outros indivíduos.

O que se nos afigura desgraçado é que um padre não tem o direito de manifestar livremente o seu pensamento. Um sacerdote está arriscado a que lhe cortem a missa e, se faz a menor objeção, é logo excomungado. Indivíduos sacerdotes não acreditam no que pregam, mas a prudência obriga-os ao silêncio. No próprio seio da Igreja existe o peixe grosso e a petúlia, os ricos e os pobres, os senhores e os servos. A igualdade e a fraternidade são palavras sem sentido.

Então, que havemos de acreditar nos padres? Será impossível que nos enganem? É muito possível. Ou melhor, é indubitável que nos enganem. Existem, por exemplo, cem religiões. Logo, noventa e nove serão falsas? Procurar saber, se vos é possível, qual é a verdadeira.

Deixemos os padres e discutamos como se ensina a religião.

A religião — todas as religiões — ensinam duas coisas.

Primeiramente, a religião explica de que modo se fez o mundo, quem o fez, qual o tempo gasto, o que antes havia no seu lugar (o caos) e como do nada surgiu a luz, muito antes de Deus criar o sol e a lua e muitas outras coisas.

Actualmente, a explicação destas coisas pertence à Ciência e não à religião. A Ciência diz-nos que o mundo existe, há seis mil anos, como afirma a Bíblia, mas desde há milhões de anos. A Ciência demonstra-nos que a terra gira em torno do Sol e não o Sol em volta da Terra, como supunha Josué. A Ciência explica-nos em que consiste e de onde deriva a vida, tanto a vida das plantas como a vida dos homens e dos animais; e também nos explica porque razão o homem e os animais podem mover-se, falar, sentir, e as plantas podem crescer e sentir, sem que tenhamos de recorrer à suposição de uma alma que a Igreja considera diversa no homem e nos animais; uma alma que, conforme ensinam durante uma época, somente a possuem os brancos e jamais os escravos negros; uma alma que entra no corpo do homem sete dias depois de nascer da mulher.

Todas essas patéticas foram ensinadas pela Igreja e ridicularizadas pela Ciência. A Ciência afirma a religião e aos sacerdotes.

—Vós sois incompetentes para julgar coisas que só eu sei explicar. Vosso Deus é uma palavra sem significado e sem explicação; vós ignorais como ele é feito, quem

o fez, se é pessoa ou coisa; e, quando falais de Deus, não sabeis vós o que estais dizendo.

A segunda parte das doutrinas da Igreja refere-se às relações entre os homens.

A Igreja declara que os homens devem ser bons, humanos e caritativos. E se o não são, bastará que se confessem para que logo obtenham a absolvição ou, quanto menos, que se arrependam à hora da morte. Mas o maior castigo que poderão apanhar é o envio ao inferno, depois de mortos.

—Não queremos, porém, que alguém vá para o inferno. E para que os ricos não vão esforcemo-nos por arrancá-los da tentação que dá a riqueza que possuem e imitação de roubar todos os dias. Quando a sociedade esteja bem constituída, e nela todos os homens possam trabalhar e viver bem, não existindo patrões e milionários, então, os homens serão bons e irão para o paraíso, se houver, coisa de que muitíssimo duvidamos.

No fim de contas, a Igreja faz como os governantes: muitas promessas para cumprir depois da nossa morte e nada de as cumprir no presente.

A Igreja finge deplorar as injustiças do mundo e os abusos que os ricos praticam em prejuízo dos pobres; mas inculca, ao mesmo tempo, nos pobres, a resignação, a submissão dos escravos.

A Igreja é rica. O pápa, os cardeais, os cônegos e tantos sacerdotes são ricos, levam vida que não se pode colocar em paralelo à vida que o proletariado arrasta.

Numerosos Estados subsidiam a Igreja. Os cardeais e outros prelados são eleitos sob a aprovação do governo e o governo escolhe os que mais lhe agradam.

Os padres podem ser, e muitos o são, proprietários e capitalistas. Alguns gozam de rendimentos pingues, outros possuem casas e uma boa parte têm acções de bancos e companhias.

Para se ser padre necessita-se de uma larga instrução e muito dinheiro. Os filhos dos operários nunca podem ser padres porque lhes falta dinheiro; e quando, casualmente, chegam a ser padres, permanecem toda a sua vida na mais ínfima escala sacerdotal.

Os irmãos e os pais dos padres estão no seio da burguesia, têm empregos e manobram o governo. Outros padres servem-se do seu ministério para se imiscuir nas famílias, ganhar a confiança das mulheres e, quando calha, rapinar uma herança.

Nada pior do que confiar segredos numa família, as cousas mais íntimas, mais delicadas, a um estranho, ainda que seja padre. A confissão não é mais do que uma invenção do inferno.

Para que serve ouvir um sermão, dito sempre na mesma língua, que ninguém entende, e sempre o mesmo todos os domingos, todos os anos, toda a vida? É um péssimo costume que embrutece, como embrutece o cantochão das rezas, sempre as mesmas, aprendidas de cor que se apropriam a todas as pessoas e a todos os casos. Sobretudo, para os meninos, o costume é de veras nocivo, de péssimos efeitos sobre o carácter e a inteligência.

Operários: libertai-vos de todas as superstições. Pensai com vosso raciocínio. Não reconheçais Deus nem amos. Então, podereis compreender tudo...

## FESTAS ASSOCIATIVAS

O 28.º aniversário do Sindicato dos Impressores comemora-se no próximo sábado

Comemorando o 28.º aniversário do Sindicato dos Impressores Tipográficos realiza-se, no próximo sábado, um esplêndido sarau literário, dramático e musical, o qual será iniciado por uma conferência pelo ilustre jornalista e crítico de arte Nogueira de Brito, que dissertará sob o tema: «O valor das Artes Gráficas no progresso da Humanidade», seguindo-se a representação de duas peças de carácter social pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária e várias recitações por apreciados amadores.

O aplaudido grupo bandolinista «Os Inocentes» executará apreciados trechos musicais do seu variado repertório.

Esta recita realiza-se na Calçada do Combro, 38-A, e para ela são convidados não só os componentes da classe como o restante proletariado.

Não tendo a Direcção da Associação dos Impressores Tipográficos enviado convites especiais aos vários sindicatos, ficam por esta forma convidados os que se queiram fazer representar.

### Ferrovários do Sul e Sueste

Comemorando o 12.º aniversário do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste realiza-se, no próximo domingo, às 13 horas, uma sessão solene neste organismo, com sede no Barreiro, na qual farão uso da palavra vários delegados de sindicatos operários.

### Grupo Sport Adicence

Realizou-se na sede deste grupo uma sessão de homenagem aos falecidos operários Rui dos Prazeres e Manuel Fernandes, cujos retratos foram inaugurados com solenidade. Estiveram representados o Sindicato dos Litógrafos, Grupo Sport Adicence, pessoal da Litografia Mata, os amigos dos extintos e a comissão organizadora da festa, recebendo-se uma saludação da Sociedade Boa União. Os oradores exaltaram as qualidades dos extintos e a sua actividade na organização operária.

## Seção telegráfica

C. G. T.

Trabalhadores Rurais do Cano.—O vosso manifesto está-se imprimindo. Assim que esteja pronto o enviaremos. O delegado vai ser hoje nomeado em reunião do Conselho Confederal. E também conveniente que conheci a Federação Rural a fazer-se representar por um seu delegado.

## Na Academia de Amadores de Música

O concerto inaugural do ano escolar

Nada mais grato ao cronista do que registar mais um ano de existência a uma colectividade que, como a Academia de Amadores de Música, vem exercendo a sua acção educativa com uma firmeza e uma teimosia raras.

Um escol de professores abalisados, um núcleo de dirigentes dedicadíssimos engrandecem a Academia com a circunspeção do seu conselho, com a honrada lição do seu exemplo, com o que representa neste tempo de desorientação instrutiva uma atitude, uma prática que tem de ficar a atestar que ainda há quem ame a arte pela arte e a quem se não oferecem escolhos no caminho que traçaram.

A veneranda figura do Marquês de Borja, único fundador vivo da Academia de Amadores de Música aparece a toda a hora, como que espiritualmente a animar todas as iniciativas, a insuflar todas as coragens, êle que conta quasi um século de vida de beleza moral. Pois bem: Com uma assistência luzida, no meio dum entusiasmo festivo, realizou-se a sessão artística inaugural do ano académico. Tocou-se, cantou-se António Fragoso, Pietra Torres, Ivo Cruz, Tomás de Lima e Luís de Freitas Branco. Foi um nacionalismo sem laivos de exclusivismo patriótico, evocação enérgica dum morto glorioso para a música de Portugal, preito de consideração a quatro vivos do melhor quilate.

Os executantes Florinda Santos, Arminda Correia, Helena Varela Gid e Maria Luísa Schiappa Viana contribuíram com seu talento artístico para o relevo da composição.

E, para que a festa não ficasse incompleta, Luís de Freitas Branco, persuasivamente exaltando a pedagogia musical, fez, sem querer, o seu próprio elogio, porque pode ser contado entre os nossos musicógrafos mais ilustres.

A abertura do ano da Academia de Amadores de Música é o sinal dum período de festivais de música, alguns de memorável relevo educativo e artístico.

Nogueira de BRITO

Vai aumentar a carne de vaca

A carne de vaca aparecerá com mais abundância nos talhões de Lisboa a partir de depois de amanhã, mas, ao que nos dizem, com aumento de preço.

### FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

## A-PROPOSITO-DE UM APELO

Porque não havemos de iniciar o combate aos inimigos da Verdade?

LEIXÕES, 15.—Liberto — o nosso irmão mais novo — apela na Batalha para a persistência dos anti-clericales no necessário e urgente esmiuçar do caso extranho da miraculada de Cete.

A nossa unidade de vistas — ou não fomos nós o seu irmão mais velho — é absoluta!

Nada mais necessário de facto no caso presente do que não largar de mão o milagre e espreme-lo até ao fim, exigindo provas concretas e palpáveis de que não se trata de um tremendo «bluff» que a igreja explora para maior glória de Deus e da sua doirada, e bem doirada, camarilha!

Exigir persistência dos nossos acatolíticos poderá considerar-se uma utopia mas a verdade é que nos bastava agarrar num destes milagres de trazer por casa e não o largar até que a máscara caísse por completo para podermos afirmar a plenos pulmões que a igreja mente e que as suas maravilhosas curas físicas pela influência da graça divina são uma esplêndida forma de conseguir mais alguns pintos para a cêra do Santíssimo.

Ainda não há muito tempo que numa localidade do sul se preparava um milagresinho em família que meia dúzia de homens inteligentes escaramos só porque suberham para parar a tempo das crianças que longe uma outra: esqueceram o «reacção» da aparição de uma nossa senhora e caíram em naturais contradições que, bem aproveitadas, serviram à maravilha para o fabrico das armas mais poderosas no ataque à «Santa religião».

Não seria difícil criar-se um núcleo de homens que estudassem e divulgassem todas estas patranhas pseudo-religiosas que os corvos da igreja pretendem impingir ao povo para que actuem como balões de oxigénio da fé gasta e velha. Para que isso se conseguisse seria porém necessário que nós, em vez de «armos à língua» só nos momentos em que vémos a nã as patranhas da negra seita, as evitássemos quanto possível, vacinando com o gosto pelo livre exame da verdade, aos desgraçados que, são inconscientemente a origem de todos os males que atacam a tenra árvore que mais tarde dará a consoladora sombra à Humanidade redimida.

Liberto aponta-nos como exemplo de propaganda perfeita a divulgação do milagre curandeiro que em breve tempo e muito antes de admitido pelo chefe da seita negro se tornou conhecido e admirado em toda a parte deste pobre país que não prima em meios de comunicação de qualquer sorte.

Liberto tem razão ainda nesse ponto! Tomarmos nós, os que lutam pela Verdade, levar tão longe e tão bem as palavras de incitamento e de fé tão precisas aqueles que não toleram de bom grado a tirania dos inimigos da Luz!

E de belo seria se amanhã, tendo sabido nós do tremendo vigário em que o povo ignorante caiu, acreditando na milagrosa cura de Cete, espalhássemos por todos os cantos os resultados das nossas averiguações bem fundamentadas, bem estudadas, levando-nos certamente à negação mais absoluta da verdade afirmada pelos sagrados massmarros!

Persistência! Uma só palavra mas resumindo em si um mundo de poderosos elementos para o grande combate aos inimigos da Luz! Se com essa arma nos atacam porque não havemos de usá-la também nós os que não somos «filhos de Deus»?!

LIBERTUS

## IMPRENSA

«O Volante»

Resparece no dia 20 do corrente o número especial de «O Volante» dedicado ao Salon Automóvel de Paris com a reportagem de cerca de trinta principais marcas expostas naquela capital.

## O arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado

Vai ser publicado esta semana o decreto que manda abrir concurso entre as empresas interessadas

Vai ser publicado ainda esta semana no Diário do Governo o decreto determinando a abertura do concurso para as linhas ferroviárias do Minho e Douro e Sul e Sueste. O referido decreto, que já está elaborado, é redigido nos seguintes termos:

Artigo 1.º E' o governo autorizado a abrir concurso, entre companhias portuguesas, para concessão da exploração das linhas férreas do Estado (Minho e Douro e Sul e Sueste) segundo as bases anexas, que fazem parte integrante deste decreto com força de lei, e baixas assinadas pelos ministros de todas as pastas.

Art. 2.º As condições do concurso serão elaboradas pelo ministro do Comércio e Comunicações por intermédio da Direcção Geral de Caminhos de Ferro, que organizará o respectivo processo.

Art. 3.º A decisão do governo será publicada no Diário do Governo no prazo de quinze dias contados a partir do da abertura das propostas.

Art. 4.º O governo reserva-se a liberdade de não aceitar nenhuma das propostas se as garantias ou as vantagens oferecidas não forem consideradas seguras ou compensadoras para a concessão dada pelo Estado.

Art. 5.º A partir do início da exploração de qualquer das rédes dos actuais Caminhos de Ferro do Estado, pela companhia adjudicatária, será extinta a Administração Geral correspondente, passando os arquivos e os inventários respectivos e quaisquer documentos que não sejam necessários às companhias adjudicatárias, para a posse e actualização da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro.

Art. 6.º A partir da mesma data referida no art. 5.º o «Fundo Especial dos Caminhos de Ferro do Estado» passará a denominar-se «Fundo Especial de Caminhos de Ferro» com as receitas e encargos que lhes são inerentes ou os que por lei lhes vierem a ser atribuídos, ficando a sua administração a cargo da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro.

Art. 7.º Fica revogada a legislação em contrário.

## DIVERSAS NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O espírito do imperador da Coreia

determina uma feroz reacção do governo japonês

Desde as ante-vésperas dos funerais do último imperador da Coreia que o governo japonês vem estabelecendo neste país uma verdadeira atmosfera de terror. Numerosos membros da organização nacional camponesa, bem como da Federação das Juventudes, e também muitos estudantes e colegas foram presos como medida preventiva. No distrito de Seul o número de presos atinge a cifra extraordinária de 29.490. Inútil dizer que todos estes infelizes foram bestialmente torturados. Os portos estiveram guardados por navios de guerra, todas as comunicações foram interrompidas, a imprensa foi suprimida e as tropas japonesas bloquearam as ruas. Mas não obstante toda esta repressão, e apesar do grande número de espíes, a juventude da Coreia organizou no dia 10 de Junho, data dos funerais, uma demonstração contra o regime policial do imperialismo japonês. Em consequência desta demonstração foi efectuada a prisão de 200 agitadores, 20 dos quais foram gravemente feridos pelos gendarmes. Os estudantes responderam com greves, apoiados pela juventude da província, entre a qual, de resto, tinham já sido efectuadas muitas centenas de prisões e numerosas buscas domiciliárias, o que tudo motivou um acréscimo da repressão. Presentemente estão sendo julgados 120 revolucionários, os quais, após terem sofrido suplícios inauditos, vão, concerteza, serem condenados nas mais severas penas.—S. V.

### Uma inundação súbita

A ruptura de um reservatório de água causa sérios prejuízos

LONDRES, 16.—O grande reservatório de água situado no alto Vale de Aire, cerca de Keighley, no condado de York, esvaiou-se ontem em consequência duma ruptura originada pelo excesso de carga produzida pelas grandes chuvas dos últimos dias. As águas inundaram todos os campos, submergindo estradas e habitações, até se lançarem no rio. Os últimos temporais são também responsáveis pelo desprendimento de terras em Blackburn, no condado de Lanca, as quais, por completo, entulharam o rio, desviando o seu curso. No país de Gales, o temporal tem feito sentir pesadamente os seus efeitos, tendo ocorrido ontem um desprendimento de terras, com alteração do curso dum rio que está ameaçando a estabilidade de parte das habitações de Cwm. A situação em Cwm é considerada como muito grave.—(L.).

### Da sociedade capitalista

O governo francês anda correndo atrás do franco

PARIS, 16.—O governo continua preocupado em evitar a rápida subida do franco, a fim-de não originar uma crise económica pela imobilização dos «stocks» fabricados a altos preços. Num só dia da semana passada o governo comprou 20 milhões de dólares, a fim-de que a alta se vá realizando lentamente. O governo conta levantar a situação financeira e económica da França num período de seis meses, se o Parlamento aprovar as suas medidas e o público continuar a manter a sua confiança, considerando-se pouco provável uma crise ministerial.—L.

### Um banqueiro proficiente

BELOGRADO, 16.—Foi preso Outichenovitch, ex-sub-director do banco «British Trade Corporation», acusado dum desfalque de meio milhão de dinars.—L.

### Actividade bolchevista

Cortezias diante dos turcos

ANGORA, 16.—A imprensa desmente que a conferência de Odessa tivesse em vista a constituição duma liga asiática, tendo sido apenas uma entrevista de cortezias destinada a estreitar os laços amigáveis entre as duas nações, e especialmente destinada a apianar as dificuldades nas negociações para o tratado comercial.—L.

### A revolta dos javanese

MELBOURNE, 16.—Dizem de Java que um grupo de 500 homens armados atacaram Laboen a noite passada. Sabe-se que o ataque foi facilmente repellido pela guarnição holandesa, que apenas teve uma baixa. As perdas dos rebeldes são desconhecidas, em virtude destes terem cortado as comunicações, deixando Laboen isolada. Doutros pontos da Batavia partiam já reforços militares, a fim-de ser sufocada a revolta.—L.

### Um caso de espionagem soviética

PRAGA, 16.—As investigações policiais acerca do recente caso de espionagem demonstram que os agentes soviéticos tinham o seu centro de operações nesta cidade.

Vários militares e comunistas, entre os quais o senador Tolpkins, encontram-se detidos, tendo-lhes sido apreendidos vários documentos militares. Corre o boato de que o governo tcheco considera este caso como matéria suficiente para a ruptura de relações com a Rússia, visto não estar satisfatoriamente esclarecido.—L.

### As conquistas da aviação

Vai ser tentado um grande vôo em pequenos aparelhos

LONDRES, 16.—Dois pequenos aeroplanos, com motores de 26 cavalos, partiram ontem para o oriente, pilotados por Neville Stack e Bernard Leete, que prestaram serviço na aviação militar britânica durante a guerra. O primeiro foi já piloto da linha aérea Cairo-Bagdad, e os dois aviadores pretendem demonstrar a viabilidade das grandes vôos em pequenos aparelhos. Os dois aviadores levam a India como primeiro objectivo e esperam efectuar «etapes» diárias de 400 e 500 milhas.—L.

## Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Para continuação de trabalhos da sessão anterior, reúne hoje o Conselho Confederal, pelas 20 horas, com a presença de todos os seus delegados.

### Camara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão Administrativa

Reúne-se hoje, às 21 horas.

### Comunicações

Carpinteiros civis.—Reuniu a assembleia geral da secção dos carpinteiros civis, resolvendo tomar em consideração o ofício do comité pró-presos sobre a realização das conferências para a constituição de um Comité Nacional de Solidariedade. Apreciou o ofício da Universidade Popular Portuguesa acusando a recepção da adesão enviada, resolvendo publicá-la em A Batalha, dada a matéria contida em prol da instrução popular.

Resolveu salenizar o 40.º aniversário da fundação da Associação dos Carpinteiros Civis com uma sessão solene seguida de uma conferência. Mais resolveu preencher o questionário enviado pelo Instituto de Orientação Profissional, cujo trabalho foi entregue à comissão administrativa.

### Convocações

REUNEM HOJE:

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.—A assembleia geral extraordinária, pelas 18 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Diversos assuntos de interesse para a classe.

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Em conjunto, às 20 horas, a Comissão Administrativa desta secção e as comissões administrativas das secções metalúrgica e dos manufatores de calçado.

Para tratar de um assunto muito urgente, pelas 21 horas, a Comissão Escolar.

### Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa.—Reuniu ontem a assembleia geral que resolveu reconstituir o Secretariado Central agregando-lhe mais alguns camaradas. Foram aprovadas duas moções, uma sobre a A. I. T. e outra sobre o Socorro Vermelho, que abaixo se publicam. Resolveu também aprovar a atitude do Secretariado Central que expulsou de sócio o delator A. Vitor da Cunha. Também foi aprovado um enérgico protesto contra a deportação dos camaradas Miguel Correia e João Marques.

Eis as moções aprovadas: «Atendendo a que actualmente se está manifestando na organização operária uma tendência de neutralidade em questão de Internacional como seja a retirada da A. I. T.; Atendendo a que a A. I. T. é a única Internacional sindicalista revolucionária libertária onde a C. G. T. pode estar aderente, pois que os seus congressos se tem manifestado abertamente libertária e anti-política;

Atendendo a que o 2.º congresso juvenil se manifestou pela A. I. T.; Atendendo mais que os políticos estão procurando imiscuir-se no seio da organização operária para conseguir os seus fins;

A assembleia geral do Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa resolve:

1.º Manifestar mais uma vez a sua consideração pela A. I. T.

2.º Que os jovens sindicalistas nos seus organismos sindicais se manifestem pela A. I. T. e ponham entraves aos maneios políticos.

3.º Que seja incumbida a F. J. S. de pôr de sobre-aviso os núcleos da província, bem como desmascarar todos os indivíduos que a pretexto seja do que fôr tentem desvirtuar o caminho que a organização operária tem seguido até à data ou seja o do sindicalismo libertário.

«Considerando que nas prisões desta República se encontram dezenas de trabalhadores, entre os quais se encontram bastantes jovens sindicalistas;

que o estado precário em que se encontram esses camaradas, torna urgente a criação dum forte organismo de solidariedade; que o chamado Socorro Vermelho, ao contrário de ser um verdadeiro organismo de solidariedade, não representa mais que uma jesuitica arma de captação da Internacional Comunista;

A assembleia geral do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, reunida em 16 de Novembro de 1926, resolve:

1.º Prestar toda a solidariedade ao Comité pró-presos por questões sociais, coadjuvando-o na sua acção pró-constituição dum organismo nacional de solidariedade;

2.º Repudiar a acção do Socorro Vermelho, considerando-o um organismo muleta, da Internacional Comunista que serve a esta para conseguir jesuiticamente infiltrar-se na organização operária sob o pretexto de solidariedade.

3.